

O DISCURSO DA FOME ZERO NA PRODUÇÃO TEXTUAL DE PRÉ-VESTIBULANDOS: UMA QUESTÃO DE AUTORIA

Carmem Brunelli de MOURA¹

Marluce Pereira da SILVA¹

RESUMO

O trabalho tem como propósito analisar um texto produzido por um aluno pré-vestibulando numa comunidade assistida pela Pastoral do Trabalho, que procura promover uma experiência educacional participativa. Procura-se discutir os mecanismos discursivos utilizados na construção da autoria e analisar se o aluno se representa como autor, assumindo o seu papel social em contextos social, histórico e cultural. Analisou-se o texto do aluno, a partir de pressupostos da Análise de Discurso de filiação francesa e estudos que versam sobre identidade e autoria. Observou-se que, embora o contexto escolar, na maioria das vezes, procure impedir a construção da autoria, nos textos analisados são percebidas marcas de autoria e de identidade.

PALAVRAS-CHAVE: produção escrita, autoria, identidade.

1 - INTRODUÇÃO

Este trabalho se constitui na análise de um texto produzido por um aluno pré-vestibulando, pertencente à comunidade de Cupissura, na Paraíba, assistida pela Pastoral do Trabalho que procura promover uma experiência educacional participativa, sensibilizando e motivando os habitantes locais a prosseguirem e ampliarem a sua trajetória escolar, com vistas ao concurso vestibular. Com esse intuito, faz uso de leituras contra a banalização da vida na tentativa de suscitar uma visão crítica dos alunos atendidos acerca da realidade social construída e constituída em torno de si e acerca da construção e constituição de si (MOITA LOPES, 2002; HALL, 2000; SILVA, T., 2000).

A idéia de produzir esta análise surgiu quando a professora responsável por ministrar os conteúdos de Língua Portuguesa nos revelou a sua preocupação diante dos textos produzidos pelos participantes das aulas, pois, segundo ela, tais textos apresentavam fragilidade lingüística e argumentativa. Entre os doze textos que citou, chamou-nos atenção um daqueles que a professora considerou entre eles o pior que havia encontrado. Procedemos à leitura de alguns deles, inclusive o do já mencionado. Nesse contato, consideramos o fato de que, na solicitação da tarefa, todos os participantes receberam as mesmas orientações – leitura de um texto escrito por Frei Beto e sessão de vídeo, que traziam informações acerca do Programa Fome Zero.

Nesse momento, percebemos que, em quase todas as produções textuais, os sujeitos procuraram revestir o tema proposto (O Programa Fome Zero) dos efeitos de sentido legitimados pelo discurso originário do representante do tal programa, sendo que um deles direcionou, de outra forma, efeitos de sentido no seu discurso em relação ao assunto. Para tentar compreender esse deslocamento de sentidos, buscamos dialogar com estudiosos da área de Análise do Discurso da linha francesa e com estudiosos do processo de constituição de identidades culturais, tendo como pressuposto o fato de que o sujeito, como autor, reconhece uma exterioridade, estabelece uma relação entre interioridade e exterioridade e, conseqüentemente, constrói novas formas do dizer e a sua identidade como autor, assumindo a responsabilidade pelo seu discurso (ORLANDI, 2003). Portanto, por meio de recursos lingüísticos e extralingüísticos, pretendemos, além de apreender a inteligibilidade e interpretatividade do texto desse estudante pré-vestibulando, compreendê-lo como objeto simbólico, em que se presentificam processos de significação da língua e do sujeito.

¹ Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

2 - IDENTIDADE E AUTORIA

O surgimento de novas teorias e métodos de análise lingüística permitiu que fossem considerados aspectos outros que constituíssem o funcionamento da linguagem, entre os quais se encontram os históricos, ideológicos e sociais. Buscamos, então, não mais investigar a língua enquanto sistema, mas trabalhar com a língua em situações concretas de uso nas quais a linguagem é tida como uma prática social. Por este motivo, acreditamos que a Análise do Discurso nos permitirá dar um tratamento adequado à questão que aqui se tem como foco.

A Análise de Discurso de linha francesa ocupa, atualmente, um espaço promissor nos estudos da linguagem. Trabalha na opacidade do texto e no confronto entre o político, o simbólico e o ideológico. Desse modo, os estudos discursivos visam a redimensionar o sentido no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito, que, nesta perspectiva teórico-metodológica, não é de natureza psicológica, mas sócio-histórica. Paradoxalmente, esse sujeito é livre e preso à língua e à história. De acordo com Orlandi (2003, p.50), “ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la”. Portanto, a ordem da língua e a da história constituem a ordem do discurso desse sujeito.

É nessa perspectiva que percebemos o processo de constituição de identidades culturais, tomando o sujeito e a sua identidade não de forma fixa, unificada e estável, mas submetidos a um processo de fragmentação, descentramento e deslocamento de fenômenos sociais diversos, tidos como necessários para a manutenção e, contraditoriamente, transformação da ordem social instituída. Assim, o sujeito passa a ser

composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2000, p.12).

A identidade entendida como movimento na história (ORLANDI, 1998) permite que o sujeito se produza como repetição e deslocamento em diferentes posições, de modo que a identidade não é uma, nem homogênea, ela se transforma. Daí ocorre a construção de identidades, o que nega a sua fixidez.

Em relação à função-autor, Foucault (1969, p.26) a entende não como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas como “o princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência”, acrescenta o autor (idem, p.46) que “numa civilização como a nossa, uma certa quantidade de discursos são providos da função ‘autor’, ao passo que outros são dela desprovidos”. É a partir dessa afirmação que Orlandi procura promover um deslocamento do conceito de autoria de Foucault e a sua limitação quanto ao privilégio de alguns poderem ser considerados como autores.

Assim, para a autora (1996, p.69),

A função-autor se realiza toda vez que o produtor da linguagem se representa na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não-contradição e fim. Em outras palavras, ela se aplica ao corriqueiro da fabricação da unidade do dizer comum, afetada pela responsabilidade social.

Orlandi assevera que, ao assumir esta responsabilidade, a função-autor se coloca junto às outras funções enunciativas do sujeito, assim deslocadas: locutor, enunciador e autor, ou seja,

aquele que produz o enunciado; aquele que expressa os pontos de vista do locutor e, por último, aquele que se responsabiliza pela unidade da enunciação. Dessa maneira, Orlandi (2002, p.75) coloca a função-autor como a “mais afetada pelo contato social e as coerções”, pois é ela como função do sujeito que está mais determinada pelo contexto sócio-histórico, a exterioridade. Para Orlandi (1996, p.75), “o autor se produz pela possibilidade de um gesto de interpretação que lhe corresponde o que ‘vem de fora’”. O lugar do outro é o lugar da interpretação, entendendo esta não como a atribuição de sentidos aos textos (PÊCHEUX, 1983), porém submetendo-se à opacidade, ou ainda, explicitando e compreendendo como um objeto simbólico que produz sentidos, o que implica em saber que o sentido sempre pode ser outro (ORLANDI, 1998, p.64).

Pretendemos mostrar aqui os deslocamentos e as repetições, que, produzidas, permitem observar os diferentes efeitos de sentido utilizados pelo aluno à busca da construção de sua identidade e a assunção da autoria no texto. a permitir a inserção desse sujeito, quando da elaboração de seus textos no contexto sócio-histórico. Ainda pretendemos mostrar de que modo a historicidade se presentifica na autoria pela interpretação, visto que a autoria se constrói e é construída por esta (ORLANDI, 1996). Entendemos autoria aqui como momento em que o aprendiz da língua produz um texto interpretável e, assim, esse sujeito inscreve sua formulação no interdiscurso. Isso se justifica à medida que ele historiciza seu dizer, assumindo sua posição de autor, por se representar, no caso do texto em foco, como membro de uma comunidade frente a uma dura realidade social, produzindo, pois, um evento interpretativo.

3-ANÁLISE: FUNCIONAMENTO DISCURSIVO EM UMA PRODUÇÃO TEXTUAL

Em geral, na avaliação de textos escritos produzidos pelos alunos, os professores utilizam um paradigma instituído em que não são considerados os aspectos discursivos ali presentes. De fato, a prática de produção textual dos alunos serve apenas para avaliação de aspectos lingüísticos (gramaticais, ortográficos, entre outros), de forma a não reconhecer que elementos como condições de produção e memória discursiva sejam contemplados no olhar do professor.

Sabemos, contudo, que, em sua produção textual, o sujeito ocupa posições diferentes e se representa de maneiras diversas. A relação do sujeito com o seu discurso não pode ser trabalhada numa perspectiva meramente mecanicista, ou seja, aquela que se prende apenas aos aspectos gramaticais. Deve, ao contrário, buscar os mecanismos lingüístico-discursivos pelos quais o sujeito se inscreve no texto, representando as diferentes funções enunciativo-discursivas e os diferentes deslocamentos que o aluno promove a partir de gestos de interpretação (ORLANDI, 2001, p.210).

Destacamos como proposta de nossa análise, dentre os textos selecionados, um que recebeu o título *Minhas Palavras* aquele reprovado pela agente social. A primeira marca lingüística que nos chama atenção se situa no próprio título. O uso do pronome possessivo *minhas* distingue-se como marca da presença de uma subjetividade ao assumir a própria elaboração do texto. Aspectos levantados por um outro tipo de leitura deter-se-iam para a presença de indícios reveladores de irregularidades lingüísticas, tais como erros ortográficos, concordância indevida, problemas de coesão e coerência, entre outros. Porém, a análise proposta busca apontar mecanismos pertencentes ao processo discursivo (historicidade, condições de produção, interdiscurso e formas de subjetivação) com os quais se constitui a autoria.

Na passagem *Fome zero são as pessoas que passam necessidade, pessoas que necessita de alimentos para comer* e ao longo de seu texto, o pré-vestibulando define a fome não enquanto programa social, mas enquanto sofrimento das pessoas vítimas da exclusão social. Em outra passagem, recorrendo à memória discursiva, compreende a fome como resultado de governantes que considera *incompetente que só ver o próprio nariz*, ressaltando que suas práticas políticas dão efeitos de sentidos à concepção do que é fome zero: (...) *dá nome de político, mais não sabe e não tem competência para governa (...)*.

Trazendo essa discussão para o entrecruzar dos discursos que, para a AD francesa, constituiria o interdiscurso, região de encontros e de confrontos de sentidos (GREGOLIN, 2001) e remetendo para as concepções de desemprego, violência, o não direito ao suprimento das

necessidades básicas, tudo isso não seria mais que consequência da ausência do comprometimento dos políticos eleitos pelo próprio povo. E, é nesse fragmento que, segundo Possenti (2002, p.195), “ocorrerem os múltiplos sentidos de um mesmo texto, o que se remete à idéia de que há mais de um discurso onde se poderia imaginar que há um só”.

É no discurso da fome que o pré-vestibulando expressa toda a indignação de quem já não suporta mais todos os fenômenos sociais de exclusão por que passa o povo e assim resume, discursivamente, a gênese da violência: através da fome do desemprego através de nossos políticos que não sabem governar (...).

Em outro momento, aparece o pronome nosso (*nosso país*) em que o sujeito se inclui nesta comunidade, assumindo sua identidade social o que marca a construção da função autor, assumindo seu país. Vejamos em outros fragmentos o aspecto ora analisado.

(...) Nosso país pessoas incompetentes que só quer ver o próprio nariz, pessoas que não quer saber das outras pessoa que estão ao seu lado ao seu redor pessoas que bota eles no poder que dá nome de político mas não tem competência (...).

Ao observar os elementos textuais, a partir dos mecanismos discursivos, temos uma dimensão de como ocorre a inserção do sujeito no processo sócio-histórico da comunidade a que pertence. A expressão *as pessoas que estamos ao nosso lado que também tem vida que somos vida, igual a todos* remete a uma contextualização em que o sujeito se inscreve, a partir da relação com todos outros membros de sua comunidade, abrindo, pois, a possibilidade de criar novos sentidos no seu dizer. Além disso, conduz à possibilidade de, novamente, o sujeito/autor se constituir na busca de uma identidade cultural.

As marcas aqui destacadas servem para mostrar que a produção textual, aqui apresentada, não é avaliada por meio de modelos canônicos escolares, mas a partir de mecanismos discursivos que remetem à presença de um sujeito que assume a projeção de autor, uma vez que fala não de si, mas por toda uma comunidade em que vive. Observam-se marcas de autoria nitidamente vinculadas a traços culturais e ideológicos em que o produtor do texto assume, também, sua identidade histórico-social. De fato, estamos diante de um discurso de denúncia e ao mesmo tempo de coragem e luta que não se submete às injunções sociais, como podemos verificar nas suas palavras: “(...) mas juntos chegamos lar, vamos luta vamos olhar as pessoas que estamos ao nosso lado que também tem vida, que somos vida igual a todos, unidos venseremos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No proposto para análise, buscamos ilustrar a concepção de autoria, numa abordagem de filiação teórica da AD, em fragmentos de produção textual, a partir da relação entre sujeito e linguagem. Acreditamos que, pelo estudo realizado, exploramos, mesmo de forma breve, a função-autor na produção de pré-vestibulandos da comunidade de Cupissura/PB. Procuramos mostrar ainda que determinados mecanismos discursivos remeteram à constituição de autoria e, ao lado disso, refletir um pouco sobre as práticas lingüístico-pedagógicas que, em geral, apontam somente para a formalidade lingüística e não visualizam também a possibilidade de assunção da autoria dos alunos em suas produções textuais.

Com a análise dessa produção textual escrita, discutimos acerca da importância dos discursos inseridos nos textos produzidos, mostrando que o aprendiz da língua, em busca de sua mobilidade social, no caso o ingresso na Universidade, consegue assumir o seu papel de sujeito ao produzir novos sentidos, utilizando-se de gestos de interpretação, diante de acontecimentos sócio-históricos que estão vinculados a sua exterioridade.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de estado*. São Paulo: Martins Fontes, 1974.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I-II*. Campinas: Pontes, 1964.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1985.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. *O que é um autor?*. 3.ed. [S/l]: Passagens, 1969.
- GALLO, Solange. *Discurso da escrita e ensino*. Campinas: Unicamp, 1992.
- GREGOLIN, Rosário. Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria?. In: _____ (org.). *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos: Claraluz, 2001.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- _____. Quem precisa da identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1987.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Editora da Unicamp, 1987.
- _____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 5. ed. Pontes: Campinas, 2003.
- _____. *Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. *Discurso e texto*. Campinas: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Pontes: Campinas, 1990.
- _____. *Semântica e discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1983.
- POSSENTI, Sírío. *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. Curitiba: Criar edições, 2002.